

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Liberal*

Class.: 410

Data: 09.09.80

Pg.: 1

Funai admite que ataque dos índios era um fato previsível

BRASÍLIA — Conforme já previam funcionários do Conselho de Segurança Nacional e da Funai, os índios Xicrin-Kaiapós, da aldeia Cateté, que já estavam exaltados com invasões de sua reserva antes dos Caiapós da aldeia Gorotire terem invadido a fazenda "Espadilha" e matado 20 pessoas - atacaram no último fim de semana a fazenda "Japonesa", saquearam gêneros alimentícios e expulsaram seus ocupantes.

Em vista disso, a Funai deslocou para a área a chefe da ajudancia de Marabá, Mara Leal, e o diretor da Delegacia Regional de Belém, Paulo César de Abreu, que estava com os Caiapós na aldeia Gorotire. Os índios - segundo o órgão tutelar - ocuparam a fazenda em represália às constantes derrubadas de madeira de lei em sua reserva, especialmente mogno. Para promover a demarcação, foi constituído um grupo de trabalho com representantes da Funai, do IBDF, do Instituto de Terras do Pará e do Getat. A determinação do governo é de que ninguém se aproxime da aldeia Cateté porque corre risco de vida.

O presidente da Funai, coronel Nobre da Veiga, não fez nenhum comentário sobre o relatório que o Conselho de Segurança Nacional entregará ainda esta semana ao Ministério do Interior, sobre o massacre na fazenda Espadilha. Disse apenas, numa rápida entrevista para a TV, sem mencionar em que áreas, que o governo demarcará,

até o final deste ano, 5 milhões e 590 mil hectares, "com prioridade para as terras onde há conflito".

O presidente da Funai, no entanto, mudou versão sobre o ataque dos Caiapós da aldeia Gorotire depois que alguns jornais publicaram declarações do major Marco Antônio Luchini, do Conselho de Segurança Nacional, segundo as quais as mortes na fazenda Espadilha foram em consequência de um boato sobre a chegada de 1.800 homens para desmatar uma gleba no interior da reserva.

- Foram pessoas mal intencionadas que influenciaram os índios - disse o presidente da Funai, sem mencionar, como fez na semana passada em nota oficial e em entrevista coletiva, o nome de dois funcionários do órgão: o antropólogo Alceu Cotia e o agrimensor Sérgio Campos.

A Fundação Nacional distribuiu ontem cópia de um radiograma enviado pelo cacique Aristides, dos Satare-Mawé do Alto Solimões, informando que o pajé da aldeia Campos Liberato de Oliveira, foi morto pelos índios Arão e Ildo que o acusaram de ter feito um feitiço contra um índio da mesma aldeia que morreu picado por cobra.

Diz o cacique Aristides que o clima na aldeia está difícil de ser contornado porque parentes do pajé estão revoltados e querem vingança. Por isso, comunicou que se reunirá com as lideranças indígenas na localidade de Marau, juntamente com o representante da Funai na

área, Walmir Barros Torres, para evitar um conflito entre os Satare-Mawé.

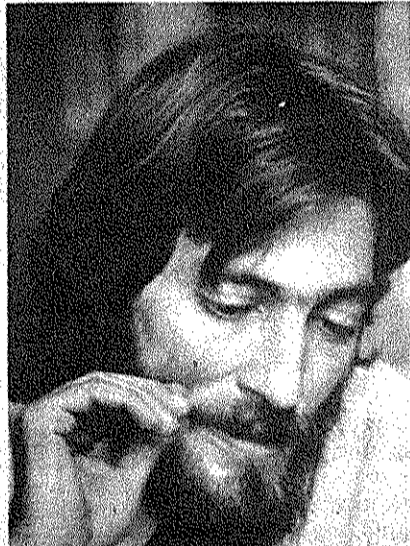
INFORMAÇÃO — O Ministro do Interior, Mário Andreazza, considera a existência de uma boa rede de informações a única forma de evitar novos conflitos entre índios e posseiros, conforme ele próprio comentou ontem pela manhã, no Rio, "enquanto não concluirmos a demarcação das terras". Em sua opinião, "a expansão das fronteiras agrícolas, com os fazendeiros buscando mais terras para o interior do país", é a principal responsável pelos últimos confrontos registrados na região de Araguaia.

Em rápida entrevista sobre o assunto, ao final da inspeção às obras do projeto Rio, o ministro confessou não ter pensado em tantas dificuldades para a demarcação - "quando há algum acidente geográfico, tudo bem, mas quando não há, é um problema" - mas prometeu "fazer o esforço possível" para concluir o trabalho até o final do governo Figueiredo.

"O problema maior são as distâncias - explicou - especialmente nos casos de conflito. Você fica sabendo de um problema que está ocorrendo numa fazenda que fica a três dias de distância do lugar onde se soube do boato. Ai, até chegar lá, as coisas já aconteceram. Neste último episódio, entretanto, fomos pegos de surpresa, pois estávamos examinando as reivindicações dos índios para começar a demarcação".



"Os índios passam por um processo de auto-punição"



"Eles só pretendiam tomar satisfação"



"Nós ficaremos na aldeia para as apurações"

Responsáveis pelo massacre poderão ser banidos da tribo

"O fato aconteceu e ainda não estou refeito do que vi". Estas foram as primeiras palavras do delegado regional da Funai, Paulo Cesar Abreu, que ontem relatou à imprensa os resultados de sua visita à Reserva Gorotire. E declarou que, "se lá na reserva estivesse trabalhando mais gente nossa, o massacre não teria acontecido".

Além de lamentar a falta de recursos do órgão para atender as necessidades cada dia mais crescentes, anunciou que, na aldeia Kaiapó, os índios estão passando por um processo de auto-punição" e que os mais idosos lamentam a atitude dos jovens guerreiros. Segundo Paulo Cesar, estes guerreiros mais jovens foram responsabilizados pela morte das crianças e das mulheres na Fazenda Espadilha.

O delegado da Funai, Paulo Cesar Abreu conta que havia chegado, à aldeia Kaiapó, vinte minutos após o retorno da expedição que havia saído da reserva Gorotire rumo à Fazenda Espadilha para confirmar boatos trazidos pelo líder Uté, de que a reserva seria invadida por 1.800 peões. "Os índios estavam ofegantes ainda. Uns até estavam com os olhos vermelhos de chorar. Talvez arrependidos do que haviam feito na fazenda", observou o delegado da Funai.

AUTO-PUNIÇÃO

Lá chegando, Paulo Cesar Abreu procurou ouvir os relatos dos três líderes da aldeia, Uté, Kanoko e Totoí, e concluiu que os índios estavam entrando num processo de auto-punição, pois "suas mulheres se recusavam a recebê-los, e a cozinhar para eles e não estavam mais fazendo os serviços costumeiros que faziam para seus homens. Os mais idosos condenavam a atitude dos mais jovens, guerreiros com idades que variavam de 12 a 16 anos. Não houve violência sexual como foi noticiado. No entanto, os índios usaram as bordunas".

Contou que os guerreiros ainda estavam pintados de preto. E que haviam deixado as armas de guerra na aldeia, pois estas estavam manchadas de sangue. afirmou que os Kaiapós não haviam nunca, em suas guerras, matado mulheres e crianças. "Eles, por sinal, são conhecidos por raptar crianças para criar na aldeia. Acredito que, ao degenerar o ataque, a agressão contra as mulheres e crianças partiu da inexperiência dos jovens. Os índios estavam pintados de cor negra, mas a tintura também serve para protegê-los de insetos na mata, além de se caracterizar por um tipo de guerra".

O delegado contou que, na aldeia, os capitães estão dispostos a colocar em cadeia os responsáveis. Vendo que os jornalistas estranhavam tal atitude, já que não se trata de um costume indígena, emendou: "algumas aldeias possuem delegados. E acho que estes já estariam pensando em prender os responsáveis. Porém acredito que isto não acontecerá. Eles, possivelmente serão banidos da tribo. E segundo eu pude apurar, o conselho tribal vai mandá-los para terras distantes onde, possivelmente, nem a língua seria a mesma da aldeia".

A questão do banimento dos guerreiros que forem responsabilizados pelo massacre da Fazenda Espadilha, na opinião do delegado da Funai, "acontecerá devido à indignação dos mais idosos. Foi uma decisão dos líderes que viram as suas ordens desobedecidas. Pois, em princípio, a expedição partiu para tomar satisfação e não para atacar a fazenda, como aconteceu".

No entanto, Paulo Cesar Abreu admitiu que nem esta possibilidade venha se concretizar enquanto houver brancos dentro da reserva. "Somente com a saída de todos, da reserva, é que os índios vão decidir sobre os destinos dos guerreiros mais jovens".

Na aldeia com ordens de Brasília, ficou o antropólogo Carlos Moreira Neto, que, segundo informação da Funai, tem experiência com a nação Kaiapó, pois, em tempos passados, trabalhou em frentes de atração destes índios.

COMO FOI QUE ACONTECEU

Segundo relato do delegado da Funai, baseado no que apurou em sua visita à reserva, tudo aconteceu porque "os fazendeiros começaram a amedrontar os índios com boatos dando conta de que 1.800 homens invadiriam a aldeia. Esta notícia abalou os índios, que resolveram sair numa expedição para saber se tudo aquilo era verdade. Diziam que os invasores iriam brocar suas matas, derrubar as árvores e formar novas fazendas. Chegaram, primeiro, à fazenda de Chico Bigode, onde os saques se resumiram na tomada de grandes quantidades de comida. Lá os índios ficaram sabendo que os brancos viriam mesmo".

- Nesta fazenda, ficaram Kanoko e Totoí e mandaram, frente, os guerreiros e Uté, que os chefiava. Os índios marcharam 42 quilômetros, saíram da reserva e chegaram à fazenda Espadilha. Lá chegando, o capataz os recebeu de arma em punho. Uté me contou que

foi recebido com agressões e que o capataz dizia que ali ninguém gostava de índios, que eles eram todos vagabundos e que a Funai não prestava para nada.

- Num relance, Uté conseguiu desarmar o capataz da fazenda e, segundo me adiantaram, estavam dispostos a cortar os cabelos do rapaz. Ali deveria ser aberto o diálogo e, possivelmente, nada teria acontecido. No entanto, vendo o capataz aprisionado, sua filha investe contra os índios e fere um deles com uma faca. Eu vi este guerreiro depois, com um ferimento profundo no abdômem. Um outro peão, vendo que a coisa estava se complicando, apanhou um cabo de machado e desferiu um golpe num outro índio, que caiu, ferido na cabeça. Foi aí que os índios partiram para a luta, matando os adultos que encontravam pela frente. As mulheres e as crianças saíram correndo pela estrada para fugir, mas, infelizmente, foram seguidas pelos guerreiros mais jovens que as trucidaram a golpes de bordunas".

Neste momento, a secretária interrompe as declarações do Delegado para informar que, pelo rádio, o major Curió o estava chamando para um conversa. Na volta, como era de se esperar, Paulo Cesar não quis adiantar nada da conversa que manteve com o major Curió. Disse apenas que o major estava sendo da reserva e estava se dirigindo a Serra Pelada, onde é responsável pela segurança do garimpo.

E continuou: "na fazenda do Chico Bigode, os índios conseguiram alimentos etc., e lá, os boatos foram confirmados, o que os provocou ainda mais. O chefe do posto nada pôde fazer. Inclusive, os índios haviam prometido a ele que a expedição serviria apenas para averiguações e que nada seria feito com os moradores da Fazenda Espadilha nem de Chico Bigode. Por isso que eu digo, se naquele momento pudéssemos contar com mais gente da Funai na reserva, uns ficariam na aldeia e outros seguiriam com os índios e poderia ter evitado o massacre, pois na certa um agente nosso evitaria, o conflito inicial com o capataz", declarou Abreu.

Depois deste relato, disse que a Funai carece de mais gente e que a dotação para administrar a 2ª Delegacia Regional é insuficiente. Atualmente a Funai possui 28 postos espalhados pelo Pará e Amapá e tem apenas 21 chefes de postos.